

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Coro

Casa da Música

23 Abr 2016
18:00 Sala Suggia

-
MÚSICA & REVOLUÇÃO
ANO RÚSSIA

Baldur Brönnimann *direcção musical*

1ª PARTE

Dmitri Chostakovitch

Passacaglia de *Lady Macbeth*
do distrito de *Mtsensk* (1934; c.8min.)

Nikolai Miaskovski

Silêncio, op. 9 (1909; c.21min.)

2ª PARTE

Sergei Prokofieff

Cantata para o 20º Aniversário
da *Revolução de Outubro*, op. 74

(1937; c.50min.)*

1. *Prelúdio*
2. *Os Filósofos*
3. *Interlúdio*
4. *Nós caminhamos todos muito juntos*
5. *Interlúdio*
6. *Revolução*
7. *Vitória*
8. *O Juramento*
9. *Sinfonia*
10. *A Constituição*

*Legendada em português

Tradução: Svitlana Oksyuta / Legendagem: Cristina Guimarães



casa da música



Maestro Baldur Brönnimann
sobre o programa do concerto.

<https://vimeo.com/163405569>

FINANCIADO POR

NORTE2020
PROGRAMA OPERATIVO REGIONAL NORTE

PORTUGAL
2020

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

NORTE MAGNÉTICO / PORTO - GUIMARÃES - VILA REAL



CÂMARA
MUNICIPAL DE
GUIMARÃES



CULTURA
NORTE

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

resco
REDES DE ESCOLAS
MÚSICAS DO NORTE

REMA
REDES DE ESCOLAS
MÚSICAS DO ALENTEJO

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO

**EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION**

TENSO

Dmitri Chostakovitch

SÃO PETERSBURGO, 25 DE SETEMBRO DE 1906

MOSCOVO, 9 DE AGOSTO DE 1975

Passacaglia de *Lady Macbeth do distrito de Mtsensk*

Na História da Música houve poucos momentos mais reveladores das relações entre as artes e o poder político do que a reacção das autoridades soviéticas a uma récita da ópera *Lady Macbeth do distrito de Mtsensk*. Até então, Chostakovitch era considerado um dos maiores expoentes da música na União Soviética. A partir da publicação de uma violenta crítica anónima no jornal *Pravda* a 28 de Janeiro de 1936, a liberdade criativa do compositor foi circunscrita. Essas limitações duraram até à morte de Estaline em 1953 e ao “desgelo”, um período de abrandamento da censura e repressão ocorrido durante a liderança de Krushchev. *Lady Macbeth do distrito de Mtsensk* tinha sido estreada quase simultaneamente em Leninegrado e em Moscovo em Janeiro de 1934. Apesar da recepção negativa pelo sector mais conservador da União dos Compositores Soviéticos, a ópera teve bastante sucesso e manteve-se em cena nas duas cidades até à publicação da crítica no *Pravda*. A União dos Compositores Soviéticos foi criada em 1932 para regular a actividade dos compositores. Essa instituição substituiu e concentrou a actividade de diversas agremiações, dirigindo a produção musical oficial na União Soviética. Com a oficialização do realismo socialista como doutrina artística a partir do Congresso dos Escritores Soviéticos em 1934, criou-se uma relação ambígua entre modernismo e realismo. No campo musical, isso traduziu-se numa interacção complexa entre Modernismo

e neo-Romantismo. Assim, os modelos modernistas de feição cosmopolita foram relegados para segundo plano e difundiram-se os cânones de uma nova arte nacional e proletária.

A apresentação de *Lady Macbeth do distrito de Mtsensk* em Moscovo, a 26 de Janeiro de 1936, ilustra essa mudança. Nessa noite, a presença no Teatro Bolshoi de Moscovo de Estaline, Vyacheslav Molotov (Presidente do Conselho dos Comissários do Povo), Anastas Mikoyan (influente membro do Politburo) e Andrei Zhdanov (então membro-candidato do Politburo e Secretário do Partido Comunista da União Soviética, que se tornou uma das pessoas mais influentes na política cultural do país no pós-Segunda Guerra Mundial) alterou o rumo da carreira de Chostakovitch. Além das récitas em Leninegrado e Moscovo, a ópera tinha já sido apresentada nos Estados Unidos da América, na Argentina, na Suécia, na Suíça e na Checoslováquia. O artigo apresentou *Lady Macbeth do distrito de Mtsensk* como uma “corrente confusa de som”, referindo que o seu sucesso internacional era uma consequência do seu apelo ao “gosto pervertido burguês”. Em contrapartida, as autoridades louvaram positivamente a ópera *Tikhiv Don*, escrita por Ivan Dzerzhinski e estreada em 1935, apresentando-a como um bom exemplo do realismo socialista. Essa comparação reforça a relação complexa entre Chostakovitch e as autoridades soviéticas, pois Chostakovitch tinha colaborado com o jovem Ivan Dzerzhinski na composição dessa ópera.

O libreto de *Lady Macbeth do distrito de Mtsensk* é baseado num conto de Nikolai Leskov, que conta a história de uma mulher casada que se apaixona por um trabalhador. Para viver esse amor, acaba por matar o sogro e o marido. Essa temática escandalosa remete para os enredos de algumas óperas moder-

nistas inspiradas em narrativas românticas, como *Wozzeck*, de Alban Berg. *Wozzeck* foi apresentada em Leninegrado a 13 de Junho de 1927 e Chostakovitch assistiu a diversas récitas. Apesar de alguns musicólogos traçarem uma linha directa entre a ópera de Berg e as óperas contemporâneas de Chostakovitch (nomeadamente, *O nariz* e *Lady Macbeth*), o próprio Chostakovitch negou essa influência. Contudo, são óperas de cariz modernista em que o compositor cultiva uma linguagem mais dissonante, próxima do Expressionismo.

A Passacaglia é um dos interlúdios orquestrais que Chostakovitch interpola na ópera. Neste caso, é inserida no segundo acto da ópera, imediatamente após o homicídio do sogro de Katerina Izmailova. Assim, funciona como um momento de suspensão da acção e de caracterização musical de uma situação, ao estilo do teatro brechtiano. A passacaglia é uma forma musical cultivada a partir do Barroco e baseada em variações sobre um baixo *ostinato*. Chostakovitch inicia-a com acordes dissonantes e traça uma textura que se desenrola do mais esparsos para o mais denso, aumentando em expressividade. Para essa interpretação ser eficaz, é requerido bastante virtuosismo aos músicos da orquestra na apresentação desse momento capital na História da Música do século XX.

Nikolai Miaskovski

MODLIN (POLÓNIA), 20 DE ABRIL DE 1881

MOSCOVO, 9 DE AGOSTO DE 1950

Silêncio, op. 9

Nikolai Miaskovski foi um dos compositores soviéticos mais premiados durante o período estalinista. Nas décadas de 40 e 50 recebeu

o Prémio de Artista do Povo da URSS e diversos Prémios Estatais Estaline pelas suas obras. Contudo, o seu percurso foi variado e o eclectismo do seu estilo torna difícil o seu enquadramento enquanto simples promotor do realismo socialista nas formas sinfónicas. Miaskovski nasceu na região da Polónia que pertencia ao Império Russo e a sua família destinou-o à carreira militar. Paralelamente, realizou estudos musicais particulares. Mais tarde mudou-se para São Petersburgo, onde concluiu os estudos militares e colaborou com diversos agrupamentos musicais. Após uma breve passagem por Moscovo, foi transferido para São Petersburgo, onde ingressou no conservatório. Nessa instituição, onde se matriculou em 1903, foi aluno de Rimski-Korsakoff, Jāzeps Vītols e Anatoli Liadov, e colega do jovem Sergei Prokofieff. Prokofieff e Miaskovski cultivaram uma longa amizade, reflectida na correspondência trocada entre ambos. Miaskovski concluiu os estudos nessa instituição em 1911, num período de grande instabilidade política.

O poema sinfónico *Silêncio* data desse período de formação, situando-se na transição do Romantismo para o Modernismo. A síntese dessas duas estéticas empreendida pelo compositor será crucial para o desenvolvimento da sua carreira após a Revolução de 1917. Composto para orquestra em 1909, a integração de *Silêncio* na série de Concertos Ziloti em São Petersburgo foi recusada pelo próprio Alexander Ziloti, pianista, maestro, mecenas e promotor de concertos. Com a impossibilidade da apresentação em São Petersburgo e graças à intervenção do editor Vladimir Vladimirovitch Derzhanovski, a obra foi estreada em Moscovo a 12 de Junho de 1911. A primeira apresentação de uma obra orquestral de Miaskovski teve

lugar sob a batuta de Konstantin Saradjev num concerto realizado no Parque Sokolniki.

Silêncio foi inspirado num conto escrito pelo americano Edgar Allan Poe em 1837. Apesar de ter vivido na primeira metade do século XIX, a sua obra foi descoberta noutros países no final do século XIX, graças à circulação de traduções. Paralelamente, a sua relação com o Simbolismo emergente e as suas temáticas tornaram-na atractiva para o público do final do século. O conto em que *Silêncio* se baseia narra a história de um demónio que conta ao receptor que estava a atormentar um homem numa paisagem que inclui bosques e um rio. Contudo, o homem pouco se perturbava até que o demónio lhe lançou a maldição do silêncio. De repente, todos os sons da natureza se calaram e o homem, que até então tudo tinha suportado, fugiu cheio de terror. O “conto orquestral” de Miaskovski traduz essa narrativa em música. Naquela época, o tardo-Romantismo russo encontrava-se muito ligado à promoção da música sinfónica, recorrendo a uma orquestração exuberante de forma a reforçar o carácter narrativo das formas. Escrito para grande orquestra, *Silêncio* não escapa a essa tendência. A obra, de cariz rapsódico, inicia-se com uma introdução lenta e escura, baseada nas cordas mais graves. Seguidamente, o material temático principal é introduzido e a narrativa segue em crescendo até atingir um momento de forte expressividade. Esse material temático vai emergindo ao longo da narrativa, apontando para uma forma cíclica. Por vezes Miaskovski recorre a escalas de tons inteiros de forma a enfatizar o carácter sobrenatural do conto, estratégia já usada pelo seu professor Rimski-Korsakoff.

Silêncio enquadra-se numa estética tardo-romântica com fortes influências do Simbolismo, preconizando a inflexão estilística do

compositor para as tendências expressionistas do Modernismo, patente em obras posteriores. Assim, a obra apresenta-se como um embrião dos vários estilos que Miaskovski cultivou ao longo da sua carreira. Contudo, nem todos foram aprovados e sancionados pelas autoridades soviéticas, reflectindo a ambivalência das relações entre artistas e regimes autoritários.

Sergei Prokofieff

SONTSOVKA (UCRÂNIA), 23 DE ABRIL DE 1891

MOSCOVO, 5 DE MARÇO DE 1953

Cantata para o 20º Aniversário da Revolução de Outubro

A música de Sergei Prokofieff ocupa um lugar importante no repertório das salas de concerto e dos teatros de ópera. Contudo, a *Cantata para o 20º Aniversário da Revolução de Outubro* enquadra-se num estilo diferente. É uma obra de proporções monumentais, escrita entre 1936 e 1937. Nessa época, o compositor tinha regressado definitivamente à União Soviética, após um período na Europa e nos Estados Unidos da América. Prokofieff dedicou-se à composição de uma cantata que representasse os acontecimentos da Revolução de Outubro de 1917, como uma espécie de apresentação ao público soviético. Contudo, nem tudo correu de feição. Por um lado, foi escrita durante a perseguição aos dirigentes soviéticos que permitiu a consolidação do poder de Estaline na década de 30, conhecida como A Grande Purga. Entre 1936 e 1938, muitas pessoas foram visadas, e a atmosfera persecutória permeava a sociedade soviética. Assim, uma obra sobre a Revolução de 1917 com textos de Lenine seria uma forma de

resguardar Prokofieff e a sua família. Por outro lado, o centralismo burocrático soviético impediu a apresentação da obra sob pretexto de não se encontrar conforme à doutrina do regime. Prokofieff apresentou a obra ao Comité para os Assuntos Artísticos numa sessão realizada em Agosto de 1937. O parecer do Comité, à época liderado por Platon Mikhailovitch Kerzhentsev (o possível autor da crítica do *Pravda* a *Lady Macbeth* previamente referida), foi negativo. Assim, a estreia parcial da cantata deu-se postumamente, a 5 de Abril de 1966.

A obra foi escrita para um efectivo vocal e instrumental de grande escala: um coro profissional, um coro amador, uma grande orquestra sinfónica, um grupo de metais, um conjunto de acordeonistas e vários efeitos sonoros (incluindo sirenes e metralhadoras). Assim, criava-se uma atmosfera de grandiosidade heróica compatível com os eventos de 1917. Dividida em três partes e em dez andamentos, a monumentalidade da *Cantata para o 20º Aniversário da Revolução de Outubro* é conseguida não só através dos grandes recursos vocais e instrumentais empregues, mas da heterogeneidade dos estilos utilizados. A primeira parte é a introdução e inclui quatro andamentos. Inicia-se com um prelúdio tempestuoso, que marcará a atmosfera da obra e ao qual Prokofieff associou a primeira frase do *Manifesto Comunista*, panfleto escrito por Karl Marx e Friedrich Engels e publicado em 1848. No segundo andamento, *Os Filósofos*, o coro canta a Tese XI das *Teses sobre Feuerbach*, de Marx, antecipando o clima revolucionário russo. Segue-se um interlúdio dramático e dissonante que prepara o andamento seguinte, baseado em textos que Lenine tinha escrito antes da Revolução.

A segunda parte, “Revolução”, é a mais longa e intensa da obra e recorre a textos de

Lenine escritos nos primeiros tempos da Revolução de Outubro. A obra tenta recriar sonoramente a Revolução Bolchevique, e a criação e manipulação das massas corais é feita de forma a dar a ideia do colectivo revolucionário. As marchas são omnipresentes, adensando a textura e aumentando o volume sonoro. O sexto andamento da obra representa o combate, e entra na narrativa toda a parafernália de efeitos sonoros. À medida que os combates se dão, a obra torna-se mais dramática. O sétimo andamento, *Vitória*, é lento e permite alguma distensão. Aqui, Prokofieff usa um efeito sonoro de passos, imitando uma marcha. A textura de marcha, neste caso solene, prossegue em *O Juramento*, andamento baseado no discurso proferido por Estaline na véspera do funeral de Lenine. Assim, Prokofieff apresenta uma espécie de passagem de testemunho entre os líderes. O nono andamento é instrumental, um interlúdio orquestral que remete para o universo das bandas sonoras. Neste caso, e tendo em conta a abordagem cronológica do compositor, pode querer recriar o ritmo da industrialização soviética sob a liderança de Estaline. A cantata termina com um andamento cujo texto provém do discurso de Estaline ao Oitavo Congresso Extraordinário dos Sovietes, realizado em Novembro de 1936. Nesse congresso foi aprovada a Constituição de 1936, que transformou o sistema político soviético e reforçou indirectamente os poderes do Chefe de Estado. Passagens modernistas influenciadas pelo Futurismo, marchas militares, melodias e instrumentos tradicionais e uma forte componente narrativa em tempo real constituem elementos que se fundem numa textura única.

JOÃO SILVA, 2016

Baldur Brönnimann *direcção musical*

Baldur Brönnimann é um maestro de grande versatilidade com uma abordagem aberta à criação musical e uma afinidade particular pelas partituras contemporâneas mais complexas. Divide o seu tempo entre as salas de concerto e os teatros de ópera, e sempre que possível procura actividades de âmbito educativo e comunitário. Em 2015 tornou-se Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, no seguimento de uma relação de longo prazo com a orquestra, durante a qual trabalhou com artistas e compositores como Luca Francesconi, Jonathan Harvey e Håkan Hardenberger. Em 2016 assume a posição de Maestro Principal da Basel Sinfonietta.

Durante muitos anos, foi o maestro escolhido para projectos importantes com compositores como John Adams, Saariaho, Birtwistle, Chin e Adès, e com orquestras como a Filarmónica de Oslo, Filarmónica Real de Estocolmo, Britten Sinfonia, Philharmonia Orchestra, Sinfónica da BBC, Filarmónica de Copenhaga e Filarmónica de Seul. A música contemporânea continua a ter um papel crucial na sua carreira, mas é procurado de igual forma para dirigir em todo o mundo um repertório vasto e eclético, tendo sido convidado recentemente para dirigir as Filarmónicas de Helsínquia, Bergen e Bruxelas e Orquestra Nacional de Bordéus.

Os momentos altos da temporada de 2015/16 incluem o concerto de abertura do Festival Internacional de Bergen 2016, onde dirige um espectáculo multimédia de *Erwartung* and *Verklärte Nacht* de Schoenberg. Dirige ainda uma produção do *Winterreise* de Zender com a Sinfonia de Britten e Ian Bostridge no Barbican Centre, ambos com a direc-

ção de Netia Jones. Estreia-se com a Sinfónica da Rádio de Estugarda com a obra *Gruppen* de Stockhausen e Sinfónica de Düsseldorf no Schönes Wochenende Festival. Regressa como maestro convidado à Orquestra Filarmónica de Estrasburgo, Klangforum Wien e ao Ensemble intercontemporain para dirigir na Philharmonie de Paris. No domínio da ópera, Brönnimann regressa ao Teatro Colón para dirigir *Die Soldaten* de Zimmermann, e estreia-se na Ópera Norueguesa com a estreia mundial de *Elysium* de Rolf Wallin.

Foi Director Artístico do principal ensemble norueguês de música contemporânea, BIT20, até ao final de 2015. Entre os últimos projectos com este ensemble inclui-se a estreia mundial da ópera *UR* de Anna Thorvaldsdóttir e a edição de um disco de Ligeti para a editora BIS. Foi Director Musical da Orquestra Sinfónica Nacional da Colômbia em Bogotá entre 2008 e 2012.

Natural da Suíça, Baldur Brönnimann estudou na Academia de Música da Basileia e no Royal Northern College of Music em Manchester, onde foi posteriormente nomeado Professor Convidado de Direcção de Orquestra.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Jérémie Rhorer, Peter Rundel, Michael Sanderling, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Gilbert Varga, Antoni Wit, Takuo Yuasa, Lothar Zagrosek, Peter Eötvös ou Ilan Volkov. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Ana Bela Chaves, Sequeira Costa, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Cyprien Katsaris, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Simon Trpčeski ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös e Helmut Lachenmann, a que se junta em 2016 o nome de George Aperghis.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada

a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. Para além da apresentação regular do repertório sinfónico, a orquestra demonstra a sua versatilidade com abordagens aos universos do jazz, fado ou hip-hop, ao acompanhamento de projecção de filmes e aos concertos comentados.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven. Em 2011, o álbum "Follow the Songlines", gravado com Mário Laginha, Maria João, David Linx e Diederik Wissels, ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça pela editora Naxos. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi, seguindo-se em 2015 um disco com obras de Unsuk Chin, ambos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2014, a Orquestra interpretou uma nova obra encomendada a Harrison Birtwistle, no âmbito das celebrações do 80º aniversário do compositor. Em 2016 apresenta uma nova encomenda a George Aperghis em estreia nacional e as integrais das Sinfonias de Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Coro Casa da Música

Paul Hillier *maestro titular*

Desde a sua fundação em 2009, o Coro Casa da Música foi dirigido pelos maestros James Wood, Simon Carrington, Laurence Cummings, Andrew Bisantz, Kaspars Putniņš, Andrew Parrott, Antonio Florio, Christoph König, Peter Rundel, Robin Gritton, Michail Jurowski, Martin André, Marco Mencoboni, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Gregory Rose, Takuo Yuasa e Nicolas Fink, para além do seu maestro titular, Paul Hillier. Eclético no seu repertório, o Coro é constituído por uma formação regular de 18 cantores, a qual se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados.

Colaborou com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música na interpretação da *Missa em Dó menor* de Mozart, *O Cântico Eterno* de Janáček, a Sinfonia Coral de Beethoven, o *Requiem à memória de Camões* de Bomtempo, o *Requiem Alemão* de Brahms, a 3ª Sinfonia de Mahler, o *Messias* de Händel, o *Te Deum* de Charpentier, a *Oratória de Natal*, o *Magnificat* e Cantatas de Bach, a *História de Natal* de Schutz, o *Te Deum* de António Teixeira e o *Requiem* de Verdi.

Na temporada de 2016, o Coro Casa da Música volta-se especialmente para a música russa, interpretando as *Vésperas* de Rachmaninoff, o *Requiem* de Schnittke, o *Cântico do Sol* de Gubaidulina, obras *a cappella* da Corte de Catarina, a Grande, e grandes obras corais sinfónicas de Prokofieff e Chostakovitch.

O Coro Casa da Música faz digressões regulares, tendo actuado no Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza (Espanha), no Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, no Festival Handel de Londres, no Festi-

val de Música Contemporânea de Huddersfield, no Festival Tenso Days em Marselha, nos Concertos de Natal de Ourense e em várias salas portuguesas.

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

Violino I

Zofia Wóycicka
José Pereira¹
Radu Ungureanu
Vadim Feldblioum
Vladimir Grinman
Maria Kagan
Ianina Khmelik
Evandra Gonçalves
Emília Vanguelova
José Despujols
Alan Guimarães
Roumiana Badeva
Andras Burai
Jorman Hernandez¹
Agostinha Jacinto¹
Sara Veloso¹

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
José Paulo Jesus
Mariana Costa
Paul Almond
Pedro Rocha
Vítor Teixeira
Francisco P. Sousa
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
José Sentieiro
Diogo Coelho¹
Pedro Carvalho¹

Viola

Francisco Regozo¹
Joana Pereira
Anna Gonera
Theo Ellegiers
Biliana Chamlieva
Francisco Moreira
Mateusz Stasto
Hazel Veitch
Emília Alves
Luís Norberto Silva
Jean Loup Lecomte
Rute Azevedo

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Gisela Neves
Bruno Cardoso
Sharon Kinder
Aaron Choi
Michal Kiska
Hrant Yeranossyan
Américo Martins¹
Vasco Alves¹

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Jean Marc Faucher
Tiago Pinto Ribeiro
Nadia Choi
Altino Carvalho
Slawomir Marzec
Nelson Fernandes¹

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Angelina Rodrigues
Vera Morais¹

Oboé

Tamás Bartók
Luciano Cruz¹
Roberto Henriques¹
Sofia Brito¹

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
Gergely Suto
João Ramos¹
Tiago T. Abrantes¹

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Pedro Miguel Silva
Vasily Suprunov

Trompa

Hugo Carneiro
Bohdan Sebestik
José Bernardo Silva
Eddy Tauber
Pedro Fernandes¹
Nuno Costa¹
Bruno Rafael¹
Jaime Resende²
Telma Gomes²
Adrian Lavia²
Daniel Canas²

Trompete

Sérgio Pacheco
Pedro Silva¹
Pedro Gonçalves¹
Miguel Pais¹

Trombone

Severo Martinez
Nuno Martins
Tiago Nunes¹
Joaquim Rocha¹

Tuba

Luís Oliveira¹
Fábio Rodrigues¹

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias¹
Sandro Andrade¹
Pedro Góis¹

Harpa

Ilaria Vivan
Ana Paula Miranda¹

Piano

Luís Filipe Sá¹

Celesta

Vítor Pinho¹

Acordeão

Paulo Jorge Ferreira¹
Pedro Santos¹
Carisa Marcelino¹
Fábio Palma¹
Nélson Almeida¹

BANDAS

(Fora de palco)

Trompa

Daniel Canas²
Jaime Resende²

Trompete

Ivan Crespo
Luís Granjo
Rui Brito
Ricardo Vitorino¹
Telmo Barbosa¹

Althorn

Dawid Seidenberg
Noémio Gonçalves¹

Barítono

Álvaro Silva¹
João Tavares¹

Eufónio

Ricardo Antão¹
João Pereira¹

Tuba

Miguel Alves¹
Marcelo Martins¹

Percussão

João Tiago Dias¹

CORO CASA DA MÚSICA

Sopranos

Eva Braga Simões
Leonor B. Melo
Joana Pereira
Rita Venda
Ana Caseiro
Luísa Barriga
Teresa Milheiro
Lúcia Ribeiro
Cristina Pamplona
Mariana Sant'Ana
Ana Vieira Leite
Nadia Kolesnyk³
Inês Silva³
Sofia Rodrigues³
Mariana Ribeiro³
Carlota Carvalho³
Solange Azevedo³
Ana Isabel Santos³
Maria Vieira³
Olívia Silva³
Eva Monteiro³
Paula Brochado¹

Contraltos

Ana Calheiros
Brígida Silva
Iris Oja
Joana Valente
Nélia Gonçalves
Andreia Tiago
Marta Marques
Bernardete Felisberto
Sara Cláudio¹
Svitlana Oksyuta
Bárbara Luís
Liliana Toma³
Sofia Pais³

Maria Helena Restivo³
Joana Vaz³
Alexandra Santos³
Leonor Abrunheiro³
Patrícia Silveira¹
Francisca Marques¹
Barbara Francke¹

Tenores

Almeno Gonçalves
Gabriel Santos
Gonçalo Limpo Faria
Luís Toscano
João Terleira
Miguel Leitão
Vítor Sousa
Pedro Matos
Sérgio Martins
Carlos Ferreira
João Paulo Ventura
Sebastião Silva³
Luís Daniel Almeida³
João Pedro Soares³
Simão Silva³
Márcio Rodrigues³
João Bastos³
Frederico Meireles³
Eduardo Serra³
Gonçalo Mota³
Tiago Rosário³
Agnelo Marinho³

Baixos

João Barros Silva
Luís Pereira
Nuno Mendes
Pedro G. Marques
Ricardo Rebelo da Silva

Ricardo Torres
André Carvalho
Carlos Meireles
Carmindo Carvalho
Tiago de Sá
Pedro Soares
André Teixeira³
Francisco S. Guedes³
Rodrigo Bacelar³
Samuel Pereira³
Lucas Rei Ramos³
Manuel Morais³
Pedro Mesquita³
Dinis Meirinhos³
José Maciel³
Hugo Peres³

Maestrina co-repetidora

Iris Oja

Maestrina ESMAE

Barbara Francke

Pianista co-repetidor

Luís Duarte

¹ instrumentistas / coralistas convidados

² estagiários Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo do Instituto Politécnico do Porto

³ alunos da Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo do Instituto Politécnico do Porto (protocolo Casa da Música / ESMAE-IPP)



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA



MECENAS MUSICA CORAL



MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

